



TORDESILHAS

# Das terras bárbaras

Ricardo da Costa Aguiar

<b>PRÓLOGO</b>	<b>9</b>	<b>DA BOCA DE QUEM FALA</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	<b>12</b>	<b>DA MUDANÇA DE CÉUS E DE ALMAS</b>
<b>CAPÍTULO 2</b>	<b>28</b>	<b>DAS TERRAS BÁRBARAS HOSPITALEIRAS</b>
<b>CAPÍTULO 3</b>	<b>44</b>	<b>DA AMIZADE CONSIGO MESMO</b>
<b>CAPÍTULO 4</b>	<b>62</b>	<b>DA ANGÚSTIA DOS PODEROSOS</b>
<b>CAPÍTULO 5</b>	<b>81</b>	<b>DOS OLHOS QUE TANTO CHORAM QUANTO VEEM</b>
<b>CAPÍTULO 6</b>	<b>98</b>	<b>DA ÚNICA CURA DE TODOS OS MALES</b>
<b>CAPÍTULO 7</b>	<b>117</b>	<b>DA ABUNDANTE SEARA EM CAMPO ALHEIO</b>
<b>CAPÍTULO 8</b>	<b>137</b>	<b>DA PROPRIEDADE E DO USUFRUTO DA VIDA</b>
<b>CAPÍTULO 9</b>	<b>157</b>	<b>DO JUNTAR AÇÃO ÀS PROMESSAS</b>

<b>CAPÍTULO 10</b>	<b>174</b>	<b>DO PESO DAS DESGRAÇAS</b>
CAPÍTULO 11	192	DO REI ESCRAVO DE TANTOS SENHORES
<b>CAPÍTULO 12</b>	<b>211</b>	<b>DOS TENDÕES E DAS ARTICULAÇÕES DA SABEDORIA</b>
CAPÍTULO 13	231	DO COMER MUITO SAL COM ALGUÉM
<b>CAPÍTULO 14</b>	<b>249</b>	<b>DA PROPORÇÃO ENTRE O INFINITO E O FINITO</b>
CAPÍTULO 15	267	DO ROSTO SORRIDENTE PARA AS INJUSTIÇAS
<b>CAPÍTULO 16</b>	<b>285</b>	<b>DAS RÃS E DOS REIS</b>
CAPÍTULO 17	304	DO PROPÓSITO DAS COISAS
<b>EPÍLOGO</b>	<b>321</b>	<b>DO NÃO ACRESCENTAR MAIS PALAVRAS</b>
AGRADECIMENTOS	327	



# PRÓLOGO DA BOCA DE QUEM FALA

*"Verba attendenda, non os lo-  
quentis. Utile consilium domi-  
nus ne despice servi. Nullius  
sensus, si prodest, tempseris  
unquam." (Dionysius Cato, Distichorum Catonis,  
Livro III, capítulo 12)*

Deve-se prestar atenção nas palavras, não na boca de quem fala. Não desprezes um bom conselho do teu escravo. Não desprezes o ponto de vista de homem algum, se for útil. (Dionísio Catão, *Dísticos de Catão*)

– Avise quando vier a Ouidah, quero mostrar-lhe sua tumba.

Assim me levaram ao local onde estou sepultado: por acaso. Eu sei, não existe surpresa mais perturbadora. Também foi por acidente o tropeço no funesto pergaminho que transcrevi nas manhãs modorrentas de Cotonou. As maiores surpresas estavam todas naquelas páginas aveludadas.

A diferença de fuso horário, quatro horas à frente do Brasil, assegurava que os telegramas do ministério só chegariam à tarde. Mesmo quando recebia alguns despachos, na maioria das vezes eram instruções administrativas e me tomavam poucos minutos de trabalho. No início, não sabia o que fazer com tamanho tempo livre em um lugar quase sem opções. O calor não ajudava. Um relato do século XVII caído em minhas mãos ocupou a arrastada estadia no Benim.

As letras longas tinham sido cuidadosamente desenhadas, quatrocentos anos transformaram a tinta em marrom-escuro. Havia ali muito sofrimento, que ganhou a roupagem luminosa dos pontos na tela do meu computador. Uma alma seiscentista possuiu aquele corpo eletrônico e terminei por copiar cada uma das palavras do manuscrito secular.

A trágica jornada do jesuíta Diogo Vaz de Aguiar e a aventura da transcrição de suas memórias chacoalharam minha vida.

O trabalho de reproduzir aqueles escritos foi rápido, consumiu cerca de um mês; porém, o que encontrei neles deu início a uma busca de quatro anos por várias

idades. Fui escavando o antigo Diogo do mofo e da poeira, perplexo a cada passo.

Não me surpreenderam os acontecimentos narrados no pergaminho, por mais dramáticos que fossem, mas sim as semelhanças com minha existência minúscula. Como o jesuíta, fui pisoteado pelo Estado e sacudido pela Igreja enquanto fazia pesquisas em documentos do tempo da Colônia. Do mesmo modo, prostrei-me impotente diante das injustiças e soube o que é ser acusado de algo que talvez nem tivesse feito. Meu infortúnio não se aproximou do dele, no entanto tive minha cota.

Ele não conseguiu tudo, ao contrário do que insistia em dizer. Meu velhíssimo avô conseguiu atravessar resoluto os dias a ele destinados — e isso não é pouca coisa. Ao tocar aquelas folhas quebradiças, bem frágeis pelo passar dos séculos, achei que cheiravam a terra molhada. Depois de terminada a transcrição, reconheci nelas o odor de chão e de sêmen.

Nada disso importa, atolei-me em divagações. Peço desculpas e volto à estaca zero. Assim começava o relato sombrio do avô dos meus avós:

Quando Nuno Lopes caminhou para as ondas, mordeu a orelha de Bárbara. Ela deu um pequeno grito, que se confundiu com o guincho das gaivotas. Seu marido não se deu conta, e de nada se aperceberam os negros da terra. Foi como se eu tivesse murmurado uma prece, escondido pelo capuz do meu hábito. O vento soprou forte. Demorei a limpar a areia dos cílios; naqueles segundos ela tinha avançado para Nuno Lopes, que enterrou até as sobrancelhas

“Sol e sal livram a gente de muito mal.” (provérbio latino) *Cum sale et sole omnia fiunt.* Então a sumaca

atracou, com as provisões e dois novíços. A bordo só havia homens, berrando em suas saltimbarcas coloridas, mas no cais eu só via Bárbara, calada. Talvez

essa seja a recordação mais viva do tempo em que estive mais vivo, dos anos no Brasil.

A memória tortura-me com a nitidez dos acontecidos. Cometi muitos desatinos, porém nenhum maior do que me ter engajado na entrada para prear índios no Guairá. Tudo perdi, restaram-me pergaminho e pena para escrever estas lembranças nos minutos em que consigo pensar, depois de baixar o calor úmido do dia e antes de cair a noite pesada. Quem, neste canto esquecido do Reino, leria minhas páginas, se esses negros conhecessem letras? Aqui posso registrar os fatos conforme a verdade, com isso poderei visitá-los daqui a alguns meses, mor de descobrir aquele que fui.

Alguém, nesta costa d'África, entenderia as verdades que o Senhor colocou à minha frente e eu só fiz palmilhar? *Daemonium vendit qui daemonium prius emit.* Pois Ele não colocou Judas na Terra para trair o Salvador e dessa maneira construir a Paixão do Cristo? Também colocou a mim, para trair o Mundo Novo confiado por Sua mão aos reis de Portugal e de Espanha. Evitei transformar-me em quem nunca quis ser, foi assim que me tornei quem sou. “Quem demônios compra, demônios vende.” (provérbio latino)

Tive tanto medo de perecer que decidi não mais falhar da vida presente. Basta! Vou ocupar-me de outros afazeres. Já dei à morte todas as oportunidades, na travessia do mar oceano, nas matas em que me embrenhei e na companhia dos Kaingang. Deus inundou a humanidade com vagalhões de amor e não aspergiu em mim uma gota sequer desse dilúvio de misericórdia. Talvez Bárbara ainda seja formosa, quiçá eu volte a catequizar em Santana de Parnaíba, mas com certeza Nuno Lopes estará morto.

Apesar Dele, consegui tudo o que quis.

# 1

## DA MUDANÇA DE CÉUS E DE ALMAS

*"Ut quocumque loco fueris  
uixisse libenter te dicas; nam  
si ratio et prudentia curas, non  
locus effusi late maris arbiter*

*aufert, caelum, non animum mutant, qui trans mare  
currunt."* (Quintus Horatius Flaccus, *Epistolae*, Livro I,  
capítulo 11, versos 24-27)

Onde quer que tenhas vivido, poderás dizer que foste feliz. Porque se a sabedoria e a razão levam tuas preocupações, e não algum lugar com vista para o oceano, aqueles que cruzam o mar mudam de céu, mas não de alma. (Quinto Horácio flaco, *Epístolas*)

Dei um grande aborrecimento a meu pai, mesmo que ele negue isso. Apaixonei-me pelo latim ainda adolescente. Não fosse essa paixão precoce, jamais teria mergulhado nas memórias do desafortunado jesuíta.

O ilustre Mendonça, professor de português do colégio, ofereceu-se para dar aulas dessa língua morta a uns poucos alunos, nas noites de quarta-feira. Meu interesse era vago, achava curioso decifrar as raízes latinas de tantas palavras de uso diário, mas não havia lá muita motivação para perder as noites de quarta-feira. Foi Mendoncinha quem colocou meu nome na lista para completar o mínimo de cinco alunos que o pai gostaria de reunir. "Paciência", pensei comigo, "vou a duas ou três aulas até a Páscoa e desapareço depois do feriado." Não desapareci, o latim virou minha obsessão.

A concisão das frases, o cantar das declinações, os volteios de uma combinação infinita de modos de dizer, a ciência e a sabedoria

"A língua latina não é indigente."  
(Marcus Tullius Cicero, *De finibus bonorum et malorum*, Livro I, parágrafo 10)

enormes colocadas em três ou quatro palavras pequenas — tudo era encantador naquela língua que nada tinha de morta. *Latina lingua*

*non inops*. Vieram os autores. Virgílio guiou-me tal qual havia feito com Dante, no entanto Ovídio foi, desde logo, um velho amigo. Quando li *A arte de amar* pela primeira vez, tive a impressão de que seus versos deliciosos fossem antigos conhecidos. Foi o latim que me levou à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Não sei o que meu pai, advogado, esperava. Ele sorria quando eu o chamava carinhosamente de “rábula”. Não sorriu ao me saber aprovado no exame vestibular.

Fui compreender meu pai passados alguns anos, na conclusão do curso. Abri o jornal em busca de emprego, porém os classificados tinham sido escritos em uma língua estranha, hostil. Tudo o que se pedia ali me era distante. “Experiência em vendas”, “habilidade matemática”, “conhecimentos de contabilidade”, “resistência dos materiais”, “circuito transistorizado”. Ninguém falava em Catulo, nenhum empregador buscava Cícero. Deveria ir a uma entrevista de emprego no centro da cidade, uma vaga de estoquista que oferecia um salário decente. Não cheguei a saber o que seria um estoquista, porque choveu naquela tarde que passei debaixo da marquise com meu colega de colégio, Binho Mesquita. Dele ouvi sobre o concurso para o Ministério das Relações Exteriores, fiz a inscrição imediatamente e fui aprovado seis meses depois. Minha mãe ficou feliz com a expectativa de passar futuras temporadas em Paris. Meu pai ficou triste, porque, como disse, nunca houvera um amanuense na família. Eu fiquei indiferente. No Itamaraty eu poderia ao menos ler Horácio e Tibulo.

O velho advogado fez uma única tentativa para me afastar da diplomacia, ao pedir que eu fosse ao encontro de Rocha Pombo. Em casa, o nome de Marco Aurélio Rocha Pombo era sempre seguido pelo suspiro de minha mãe: “Coitado”. Para mim, ele era sinônimo de ameixas brancas, que recebíamos em caixas todo Natal. Parece que a família dele e a de meu pai foram vizinhas em Piraju, no interior de São Paulo, onde disputavam a ameixeira que nascera no terreno de uma para despejar os frutos no quintal da outra. Rocha Pombo e o futuro rábula vieram juntos para a capital e habitaram a mesma república infecta no bairro da Liberdade, até que algo os separou. Imagino que tenha sido ou mulher, ou dinheiro. Um virou jurista respeitado, outro ingressou na carreira diplomática. Voltaram a se encontrar dali a vinte anos, porque Rocha Pombo não conseguia obter documentos para sepultar a filha criança que morrera no Marrocos em um

tolo acidente de bicicleta. Meu pai providenciou o traslado do corpo, e Adélia, assim se chamava, foi enterrada no túmulo da nossa família, no Araçá. Desolado, o diplomata afastou-se da carreira por uns anos, porém retornara e estava de passagem por São Paulo quando o rábula pediu que eu o procurasse.

Ceguei ao hotel no centro da cidade na hora marcada, o porteiro sussurrou um “Ah, o embaixador”, interfonou, e Rocha Pombo mandou que eu subisse. Era o sujeito mais peludo que eu vira na vida. Abriu a porta de cueca samba-canção e camiseta regata, como um daqueles ursos vestidos de colete para pedalar triciclo. O cabelo em profusão, a barba cerrada, o peito aveludado de penugem, Marco Aurélio Rocha Pombo era um homem de Neandertal. Segurando os sapatos com cuidado, colocou os óculos e despejou um montículo de areia grossa amarelada em uma folha de jornal. Abriu meus dedos e passou-os naquela poeira, encarando-me risonho: “Areia do Saara”.

O embaixador explicou que não era um habitante deste século, mesmo as dezenas de viagens ainda não o haviam acostumado à ideia de acordar no Cairo e dormir em São Paulo. Falou da “descompressão necessária” que antes permitiam os cruzeiros de navio. Contou que passava frio no Egito, criticou Heródoto com a tal dádiva do Nilo e desandou a falar de Flávio Josefo.

“Puxa-saco filho de uma puta”, ressaltou, “vivia pendurado no saco do imperador, mas era brilhante.” Se Cristo havia causado tamanha comoção na Palestina, por que não havia menção a isso na obra do historiador judeu? Leu-me em voz dramática o trecho do *Testemunho de Flávio* que fala de Jesus, ouvi fascinado. Falamos de Tácito e de Tito Lívio, nenhuma palavra sobre o Itamaraty. Que carreira maravilhosa, em que as pessoas leem Flávio Josefo e carregam areia do Saara nos sapatos. Semanas mais tarde, desembarquei em Brasília.

Antipatizei com o meu primeiro chefe, o embaixador Cunha Mello, assim que o conheci. Tenho horror a pessoas com orelhas de abano e as dele não só eram muito grandes, eram também pontudas. Da mesma forma, tenho horror a pessoas que falam com as mãos cruzadas na cintura, naquela pose eclesiástica que afeta solemnidade. Não tolero pálpebras flácidas, daquelas que tiram o brilho dos olhos e transformam pessoas em lagartos, como as do embaixador. Na verdade, tenho horror

a pessoas, basta procurar que encontrarei nelas algo que me causa asco. *Odero, si potero; si non, invitus amabo.* No caso da “Fiandeira”, não foi preciso procurar, a aversão foi instantânea.

“Odiarei, se puder; se não puder, amarei contra minha vontade.”  
(Publius Ovidius Naso, *Amores*, Livro III, elegia 11, linha 35)

Pelo que me contaram, chamavam-no Fiandeira pelo hábito de tecer intrigas. Jogava o contínuo contra a secretária, o porteiro contra a moça da limpeza, o ministro de Estado contra o presidente da República. Tinha iniciado a carreira em Paris, para onde levava um valete com o devido visto de empregado doméstico. Sempre que alguém ia à casa de Cunha Mello ouvia que o valete estava de folga. Achei a história curiosa, no entanto não me incomodou. O que realmente incomodava era o hálito pútrido do embaixador.

Da porta da minha sala à mesa havia uns bons quatro ou cinco metros. Cunha Mello se acostumou a ficar à porta, insinuando adultérios e lamentando promoções de incompetentes. Todos os promovidos eram incapazes, só mudavam os expedientes sórdidos de que se tinham valido para obter suas promoções. Eu mal o ouvia, preocupado em não respirar para assim evitar o hálito de chorume.

A situação piorou. Talvez a Fiandeira achasse que eu tinha algum interesse naqueles relatos de sobranceiras erguidas e leves meneares de cabeça em reprovação. Mesmo que eu escutasse calado aquelas intrigas do Balzac orelhudo, ele não arrefecia: passou a sentar-se na cadeira em frente à minha mesa. Essa provação durou cerca de três anos; foram exatos trinta e quatro meses inalando miasma. Até que aconteceu o desastre. O hálito fétido virou minha vida do avesso.

Cunha Mello entrou na sala falando e falando, enquanto agitava um papel. Era uma minuta de ofício que eu havia encaminhado na véspera, um pedido de rotina para a embaixada em Londres. Tratava de uma concorrência pública que o Reino Unido iria realizar para a compra de motores elétricos destinados à Força Aérea Real.

— Não se pode limitar nada, não se podem excluir alternativas!

Não entendi. Dizia que o ofício limitava as chances de empresas brasileiras participarem da tal licitação, que os termos eram inadequados, que a descrição era incompleta. Prosseguiu, irrompeu a barreira da minha mesa, puxou uma cadeira e sentou-se ao meu lado. Iríamos reescrever o ofício juntos, iria me ditar umas partes.

Um ofício daqueles poderia ser reescrito em dez minutos, entretanto Cunha Mello já estava lá fazia meia hora, bafejando estrume. O nojo foi crescendo, transformou-se em pânico, até que me estiquei para buscar uma régua. Quase caí, a cadeira balançou perigosamente e Cunha Mello amparou-me, segurando meu joelho.

Aflito por escapar da brisa de pântano que exalava daqueles lábios gorduchos, demorei bom tempo para perceber que a mão da Fiandeira continuava pousada em minha coxa. Levantei, apanhei algo na prateleira, sentei e o embaixador tornou a apertar-me o joelho. Quando era menino, ergui uma tampa de bueiro e um ajuntamento de baratas se dispersou. Várias subiram pelas minhas pernas, por baixo da calça, e continuaram subindo por mais que eu batesse nelas. As baratas estavam de volta, subindo, revirando-me o estômago. Cunha Mello moveu os dedos com preguiça, avançou e chegou à virilha. Sussurrou-me, pestilento: “Sabia”. Levantei de um salto e o embaixador foi ao chão, esparramado, de canelas estiradas.

O contínuo entrou bem na hora em que estiquei o braço tentando erguer a Fiandeira, e então recolhi e estiquei-o novamente para estalar um tapa na bochecha bem barbeada. O funcionário afastou-me e ajudou Cunha Mello a se levantar, murmurando: “Porra, bateu no velhinho!”.

O incidente aconteceu pouco antes do almoço. Por volta das duas horas, o ministério inteiro cochichava que eu havia estapeado a Fiandeira. No meio da tarde, sabiam todos que havíamos nos atracado e rolado pelo carpete imundo. No final do dia, era público que o embaixador havia me traído com o contínuo e eu tinha me vingado. A sindicância foi instaurada naquela semana.

O processo interno foi rápido. O corregedor começou por escutar a versão da Fiandeira, a do mero acidente, uma queda da cadeira, nada de mais, não compreendia por que tanta comoção em torno de algo tão banal. Ouviu em

seguida meu relato, de que esticara o braço para amparar o embaixador e, com o susto, o havia atingido no rosto por descuido. Por fim, o corregedor registrou o testemunho do contínuo, de que entrara na sala a tempo de me ver ajudando Sua Excelência a se recompor. Cunha Mello continuou na chefia do departamento, com sua dignidade restaurada e um ninho de bactérias devorando-lhe a gengiva. Já eu, fui chutado para a África. Parti em menos de um mês. Soube depois que fora negada a embaixada em Madri à Fiandeira – eu estava vingado.

Todo diplomata brasileiro em algum momento passa por um posto C. São capitais desconfortáveis, seja pelo calor, seja pelo frio. São países com os quais o Brasil não mantém laços econômicos e políticos relevantes. Pior, são postos onde existe risco de doenças e de violência. É sempre nos postos A onde se assiste à ópera e se janta bem. A mim tocou o Benim, no terceiro ano de carreira.

Não achei ruim a ideia da transferência para a antiga Costa dos Escravos. Corri a ler tudo o que havia sobre o país e a região, transformei-me em africanista instantâneo. Cativaram-me a cultura, a história, o povo, sobretudo os Agudás que, libertos no Brasil, retornaram à África para ali serem chamados de “brasileiros”. Nos corredores do ministério, os colegas lembravam que João Cabral de Melo Neto despachava no Senegal em mangas de camisa, à sombra de uma árvore, com os pés em uma bacia de água gelada. “O Benim fica muito ao sul do Senegal”, repetia, mas passei a pesquisar a oferta de condicionadores de ar.

Faltando poucos dias para o embarque, encontrei por fim o único diplomata, em Brasília, que havia servido em Cotonou. Trotamos apressados pelo corredor, eu falando e ele escutando, até que entrou no elevador e, pela porta que se fechava, disse: “Não deixe de visitar nossos parentes”. Foi o que soube do Benim antes de descer do avião.

Quando a porta da cabine se abriu, lembrei-me de João Cabral. “Tomara que a embaixada tenha uma árvore frondosa no jardim. E água corrente.” O calor era pavoroso. Ali me esperava um período tranquilo, todos haviam dito. Ninguém avisou que ali me esperava a descoberta que traria séculos para dentro da minha mocidade. De qualquer maneira, fiz uma viagem bem menos penosa do que fizera meu antepassado, quase quatrocentos anos atrás. Mais do que isso, comecei minha vida de forma bem menos atribulada:

Não sei se haverá pergaminho bastante nesta terra sem Deus para escrever do mel e da bÍlis que Ele despejou sobre minha juventude. Fui feliz na minha meninice, em Pinhel. Acompanhava meu pai ao vale da Mula para vê-lo abrir as pernas na ribeira de Tourões e dizer: “Um pé em Portugal e outro em Espanha, não sou súdito de nenhum dos Filipes”. Eu respondia: “Quem não tem rei faz sua lei”, como havia me ensinado. Eu teria levado uma surra de cinto de couro cru se ele soubesse que eu assim terminaria minha vida, sem rei nem lei. Ria todo o tempo, ele acordava rindo e eu ia dormir ouvindo seu riso.

Na minha partida para Coimbra, meu pai continuou rindo à beira da estrada, apesar de saber que não nos veríamos mais. A tísica, que já tinha levado minha mãe, iria corroer sua risada sonora. Além do cheiro das cabras, o que mais recordo de minha infância na serra é o sabor do pimentão amarelo. Cultivávamos em volta da casa, cresci mastigando a casca succulenta e cuspidando as sementes. Quando parti para estudar, levei um baú com poucas roupas e um vaso daquele pimentão amarelo da serra.

De Coimbra só me lembro das dificuldades. O pouco dinheiro que meu pai mandava mal cobria as despesas de alimentação. Eu sentia as pedras agudas debaixo da sola das alpercatas, tão quentes no verão, mas não podia comprar sapatos novos. Nem sempre os colegas pagavam o acertado pelas aulas de latim. Não sei o que teria feito se não fosse frei Mendes Costa, com sua bondade aconchegante, seu Porto perfumado na ponta dos dedos esguios. Algumas vezes me perguntaram como pôde o filho de uma das melhores famílias do Reino, um homem de qualidade, abraçar a Companhia de Jesus.

Confesso que não sei, jamais entendi por que frei Mendes Costa escolhera aquele caminho, sendo estudioso reservado, enterrado em livros. Nunca percebi nele algum idealismo. Também nunca vi nele alguém preocupado com a próxima refeição. Sua gentileza infinita sabia melhor a pajem d’El-Rey do que a jesuíta, talvez por isso eu espalhasse que frei Mendes Costa havia conhecido o irmão Francisco Xavier na infância e

ficara encantado com as notícias de conversões que vinham da Ásia. Esculpi esse frei Mendes Costa piedoso para protegê-lo dos que perturbavam sua leitura de Horácio. Foram deste os primeiros versos profanos que li. *Prima dicte mihi, summa dicende Carmoena, spectatum satis et donatum iam rude quaeris, Maecenas, iterum antiquo me includere ludo?*

A sala de frei Mendes Costa era o melhor abrigo que um estudante poderia encontrar na solidão de Coimbra. Eu pisava macio nas alcatifas de seda, não voltei a ver castiçais com arandelas de prata como os dele. Reservou-me um aposento no sótão, muito frio no inverno, abrasador no verão, porém bem iluminado. Junto à grande janela envidraçada, coloquei meu vaso de pimentão amarelo para sentir o gosto de casa sempre que a saudade apertava. Filipa servia leite fervido com canela, deixando um rastro exótico no ar. A jovem aia esperava que frei Mendes Costa assentisse com a cabeça antes de arrastar os pés até minha cadeira e verter o púcaro com a bebida fumegante, somente meia xícara. Nenhuma vez ouvi frei Mendes Costa dirigir-se a Filipa, creio que a criada se comunicava com o dono da casa por sinais para não interromper as leituras. Ela era da minha idade, talvez um pouco mais velha. Gorducha, mal cabíamos naqueles dois côvados do meu catre no sótão.

Se o vento assobiava nas ruelas, eu me estendia nas declinações latinas, pedia trechos dos clássicos e me agasalhava na voz suave de frei Mendes Costa, atrasando o frio que iria me subir pelos tornozelos assim que tomasse o rumo do meu aposento. Em um canto da sala, refletindo no teto as

“Tu, Mecenas, que na primeira poesia foste cantado por mim, que deves ser cantado na última, queres de novo, no antigo jogo, incluir-me, bastante visto e já licenciado?” (Quintus Horatius Flaccus, *Epistolae*, Livro I, epístola 1, linhas 1-3 [a seu mecenas])

chamas da lareira, ficava o escudo d'armas do meu mentor. Uma das melhores famílias de Portugal, com leite e canela. Jantava com ele quase todas as noites, não me lembro de ter visto um único prato de estanho naquela casa. Na saída, me oferecia um arrátel de pão, que seria meu desjejum solitário. Chegou a descerrar minhas mãos para nelas colocar meia pataca de prata. Um bom homem, meu segundo pai.

Terminado o curso de letras, filosofia e teologia, comuniquei a frei Mendes Costa a intenção de ir a Roma pleitear ingresso no Seminário do Vaticano. Não disse a ele, mas era de fato apenas uma intenção, soterrada pela falta de dinheiro e de amizades. Olhando por cima de meu

ombro, o velho jesuíta murmurou: “*Consilium faciendo, facto adhibeto medelam*”. Uma semana depois, levou-me ao

Colégio de Jesus, de Simão Rodrigues. Acompanhei-o, envergonhado da minha roupeta de estamemha e calções de picote ao lado daquelas finas meias de cabrestilho de pinhoela e rico escarpim de linho. Eu não sabia que eram tantas as almas que habitavam o Novo Mundo. Nunca havia pensado quão grande era nossa missão, em um mundo de tal modo esparramado.

Ao iniciar os estudos, eu repetia para frei Mendes Costa: “Mas somos tão poucos”. Terminado o curso, em uma carta da Companhia para o frei, li de relance menção à Costa da Mina, carente de preces e de braços. Imaginei que iria para alguma missão africana, no entanto meu destino seria o Brasil, “aonde levará a Palavra aos gentios e fortalecerá a fé do povo do Senhor”. Mas são tantos, somos tão poucos!

Um mês após a notícia, partimos os três, freis Duarte Aires, João de Sá e eu, para Salvador. Não soube se meu pai

havia recebido a carta em que eu explicava a grandeza de minha missão, em uma terra distante, com tantas almas e escassos pastores. “Somos poucos”, eu dizia, “mas somos tudo de que o Senhor precisa para resgatar aquelas almas.” Ao raiar o dia do embarque, prometi a Filipa que escreveria, escreveria sempre. A bordo da carraca, ocorreu-me que ela, analfabeta, pediria ao velho jesuíta que lesse minhas cartas. Não podia fazer isso com meu mentor, foi melhor não ter cumprido a promessa. Acho que ela se esqueceu de mim quando ganhou o colete de catassol, presentes valem mais do que memórias. Escrevi para frei Mendes Costa nos anos seguintes. Filipa, creio que morreu ainda jovem.

Segui para o porto com meu baú de roupas e uns poucos livros, abraçado no meu vaso de pimentão amarelo, agora frondoso. Hoje, passadas dezenas de anos, acho que tudo o que me aconteceu era previsível naquela manhã de março, só não era previsível que um camponês, filho e neto de camponeses, pudesse estudar em Coimbra. Tampouco frequentar a casa de uma das melhores famílias do Reino, para lá tomar leite quente com canela. Achava que iria começar vida fresca, não imaginava que trocaria um passado novo por um futuro envelhecido.

Nunca morri tanto nem tantas vezes quanto nos três meses da viagem de Lisboa a Salvador. Tive boa surpresa ao saber que iríamos para o Brasil na carraca lusitana *Sam Vicente*, que era o nome de meu pai e de meu destino. Auspicioso. Corri ao porto para vê-la: da altura de uma catedral, com três mastros que eram três carvalhos, contei de um lado catorze escotilhas, que escondiam catorze bocas de canhão.

Partimos no dia da Anunciação da Virgem. Para mim, era clima de festa, mesmo que houvesse mulheres chorando no cais e marujos em tabardos puídos subindo a bordo, cabisbaixos. Frei Duarte Aires e frei João de Sá eu conhecia, e só no embarque fui conhecer frei Ruy Munhoz, “já meio santo”, conforme disseram os outros dois. Não conseguia chegar à escada, a multidão se acotovelava, marinheiros

misturados com suas famílias, caixas, sacos e barris. Soube depois que éramos setecentas e oitenta almas.

Às vésperas da partida, tinha sido assaltado pelo medo de morrer afogado em uma daquelas tempestades tremendas, que quebram os navios como castanhas e engolem tudo o que dentro vai. A primeira nau que vi foi aquela em que embarquei, no Tejo. Veio-me o velho do Restelo e “uma vela em frágil lenho” do poeta. Nada disso. A *Sam Vicente* era um castelo de madeira sólida, rija e firme, construída de bom cedro-de-goá e com cordames recentes. Subi, afinal, com meu baú e meu vaso de pimentão amarelo. Ela afastou-se lentamente do cais, com estalos, suave e digna. Avançamos no mar da Palha, enxerguei ao longe o brilho do Mosteiro dos Jerónimos e distingui as torres da velha Sé diminuindo debaixo do vento. Em poucas horas, dei a volta completa no convés e mar era só o que existia. Que viesse o Brasil!

Logo conheci Pedro Albuquerque, um marinheiro esférico. O ventre rotundo, o rosto de lua cheia, as mãozinhas gordas, tudo nele era redondo. As carnes fartas esticavam seu ferragoulo de baeta, testando as costuras. Estava ao meu lado no instante em que os três freis abriram a porta da nossa cabine e a encontramos atulhada de sacos. “Terá sido um engano”, apressou-se frei Duarte, disposto a procurar o contramestre para saber qual seria a cabine que nos fora prometida. Recebi com alívio: naquela não caberíamos os quatro, talvez ali se acomodassem duas pessoas.

— Não há engano, bons freis.

Custou-nos entender que Pedro Albuquerque, em uma voz redonda e macia, explicava como nossa cabine havia sido vendida por marinheiros a mercadores que buscavam espaço. Cada saco a mais, apontava, representava lucro enorme, tamanhos os riscos da viagem à China. Vários marinheiros faziam aquela jornada só pelo rendimento do espaço alugado.

— Mas é nosso espaço, é o espaço que a Companhia nos reservou, pelo qual se pagou!

Frei João bufava, tentando entrar na cabine atulhada. Agarrou um saco e o atirou para fora, com o pescoço todo vermelho, entretanto quando já atirava o segundo foi detido por Pedro Albuquerque.

— Calma, bom frei, a viagem é longa e são muitas as tempestades. É comum homens serem lançados ao mar em noites de chuvas, fácil como vosmecê lança esse saco. Sempre haverá quem ajude os ventos a lançar homens ao mar.

Levantei os punhos, que, de tão cerrados, tanta era a indignação, machucavam-me as unhas. A impotência abateu-se sobre nós, aquela ameaça que pesaria nas semanas de viagem foi o bastante para desistirmos da cabine. Deus proveria outro lugar para nossa acomodação. Pedro Albuquerque fez-me um sinal para acompanhá-lo, esgueirou-se pela carga amontoada no tombadilho para chegar a uma portinhola. Abria para uma espécie de sacada de madeira, com amurada baixa, sobre o leme da carraca. O barulho das ondas era forte, mal o escutei dizer que meu vaso ficaria bem ali, onde teria sol e chuva e estaria ao abrigo dos ventos. Olhava-me com um sorriso bondoso, de olhos arredondados. Foi o que fiz. Ali deixei meu vaso e continuei com Pedro Albuquerque pelo porão, até uma carga de tecidos em que pude me alojar com algum conforto. Tirei do baú meu breviário e os *Exercícios espirituais* de Santo Inácio: estava instalado. Era um canto sob o convés, perto de uma escotilha. Foi decisão acertada, os sacos serviram-me de leito, estive ao abrigo das chuvas e tive ocasião de me servir da escotilha.

Após a partida, por volta da terça, vi frei Duarte e frei João dobrados sobre a amurada, amparados por frei Ruy. Passei a tarde com eles, bem fracos, tudo haviam posto para fora e nada conseguiam pôr para dentro. Sentavam contra o mastro, demasiado pálidos, e se debruçavam para vomitar o que não havia nas suas entranhas. Não falavam. Senti-me mais e melhor do que meus irmãos, firme ao lado deles, ereto, alheio ao balouçar da embarcação. Contudo, Deus nos fez iguais e se apressa, em Sua infinita misericórdia, a nos mostrar iguais se queremos ser diferentes.

Na segunda manhã da viagem, recolhi-me à sacada na popa, ao lado do meu vaso de pimentão amarelo para, na solidão, estudar os *Exercícios espirituais*. Uma leve pressão na testa levou-me a esfregar as têmporas com a ponta dos dedos, tentando concentrar-me na leitura. Mil borboletas esvoaçaram em meu estômago, algo pesava em minhas tripas, os gases que subiam com ruído não aliviavam. Levantei-me para respirar ar puro, vi o horizonte que oscilava e deixei jorrar da boca as bolachas com carne de porco salgada. Pela primeira vez, tive medo de morrer. O estertor veio em vagas, tudo se contorcia. Sentei-me e masquei um pimentão amarelo do meu vaso frondoso. O sabor da minha serra natal não acalmou a tempestade que acontecia debaixo da sotaina, os jorros continuavam. Frei Duarte e frei João tinham despertado curados, era meu consolo. Se sobrevivesse, seria igual a eles. Conforme Deus havia querido desde o início.

— Ai, meu bom frei, que quase me parto em dois!

Pedro Albuquerque e eu nos deixamos cair sobre os sacos de tecidos, trocando minúcias das desgraças em nossas entranhas. As mãozinhas rechonchudas acariciavam o ventre globular. Ali ficamos esperando a ressurreição da fome, até que fomos buscar bolachas e bacalhau. Amanhecemos bem, muito amigos, e com humildade pediu-me a confissão. Pedro Albuquerque tinha-se assustado, como eu, e achava prudente passar sua alma a limpo. “Não posso ouvir sua confissão, ainda não fui ordenado”, falei enquanto nos dirigíamos para a sacada da popa. Ao lado do meu vaso de pimentão amarelo, escutei os pecados daquele homem. Eram os pecados de uma criança, mereceram leve penitência.

Perdi a conta de quantas horas passei conversando com Pedro Albuquerque nas semanas seguintes. Era sapateiro, nunca tinha entrado em um navio. Sua esposa e suas filhas haviam morrido das bexigas, na vila de Foros do Freixo, que se despovoara com a doença, e ele perdera tudo. Viera a Lisboa à cata de qualquer emprego e achara o melhor deles, pois que na carraca teria teto e comida e, em terra, poderia buscar ouro e pedrarias. Iria com a embarcação até o final. Desceríamos ao sul

para alcançar a costa da Guiné. Dali, guinaríamos a sudoeste, cruzaríamos o Equador para Salvador e a carraca costearia até os trinta graus de latitude. De São Vicente, onde eu desembarcaria, continuaria para Tristão da Cunha, contornaria o cabo da Boa Esperança e, se escapasse do cabo Agulhas, rumaria para Moçambique. O próximo destino seria Goa, dali para Malaca e finalmente Macau, aonde esperava chegar em setembro.

Pedro Albuquerque sonhava em trabalhar em uma feitoria, ganhar uns contos de réis para com eles comprar sedas e especiarias, que venderia na volta a Portugal. A pequena fortuna assim amealhada serviria para montar uma oficina de sapateiro na velha capital, com alguns ajudantes, na qual só atenderia a filhos-de-algo. Ouvei esse sonho todas as noites das semanas subsequentes, interrompido por arrotos que se despregavam da pança arredondada.

Os marujos, sempre silenciosos, queriam confessar-se. Eu explicava que ainda não tinha tomado os votos, não podia officiar o sacramento, porém podia conversar. Naquela sacada vários se confessaram, escutei a mesma história repetidas vezes. Um deles perguntou-me o que era o pecado. Respondi que pecado era estar distante da face luminosa do Senhor. Retrucou que era tão feliz pecando que estava mais próximo da face iluminada Dele do que muitos dos santos. “Não existe felicidade no pecado”, insisti. “Padre, o senhor não conheceu Domitila”, sorria. “Peça perdão ao Senhor, ore pela Graça”, murmurei. Avançou com seus lábios e, quando virei o rosto, enojado, puxou-me os cabelos. A língua era pegajosa e fria, tinha gosto de sal, mas as mãos eram quentes. *Peccatum omne voluntarium est, et sine voluntate non committitur.*

“Só existe pecado voluntário, porque sem vontade não se comete.” (expressão latina)

No quarto dia começou o fedor. A maioria dos marinheiros não tinha estado em uma nau, grande parte era de lavradores, carpinteiros, pedreiros que mudavam de vida. Tinham medo das latrinas, perigosamente penduradas nas amuradas. O cheiro subia do porão qual uma espuma. Tudo ali rangia, tábuas e vigas gemiam, reclamando umas com as outras das dores das marés. Ouvei o contramestre dizer a frei Duarte que nos acostumaríamos. Não me acostumei. Era uma sinfonia de odores, acres, azedos, pontiagudos. Banhado pelas ondas de pestilência de urina e de suor, lembrava-me do leite com canela. Uns marinheiros torravam castanhas em um braseiro no tombadilho. Eu aproveitava então para ficar próximo, de tal modo que a fumaça tirasse o cheiro que impregnava meu hábito. Ficava grato por uns minutos sem o fedor estonteante.

Após dez dias de viagem, um novo fedor se juntou aos demais, o do medo. Eu passava boa parte do tempo na sacada da popa, lendo meu breviário e mascando com nostalgia meus pimentões amarelos. Apoiado na amurada, não me cansava de ver peixes-voadores e os tubarões que os perseguiram. Foi por isso que não vi a aproximação dos navios corsários, a bombordo. No crepúsculo, entrei para atender ao ofício com os freis e era tudo de que se falava: as naus, com bandeiras da flor de lis, haviam-se aproximado rápidas e mantinham distância segura dos canhões que o capitão mandara assestar. Os franceses viram que nossos canhões não eram poucos, talvez não lhes tenha ocorrido serem pouquíssimos os marinheiros que sabiam manejá-los.

Ao amanhecer, subi ao convés e lá estavam as naus gêmeas que nos acoassavam com prudente afastamento. Os homens ficaram calados. A carraca navegava pesadamente, sem a leveza dos corsários. Sob a bandeira das flores douradas, eu podia pressentir huguenotes que não respeitavam as propriedades e os domínios dos reinos católicos. Escureceu e lá ficaram.

Pela segunda vez, tive medo de morrer. Vi no cenho franzido de Pedro Albuquerque que que pensara o mesmo que eu: estávamos

acomodados a bombordo, se os franceses disparassem estaríamos bem na mira dos canhões protestantes. Naquela noite não preguei o olho, esperando o primeiro estrondo. No alvorecer, ali estavam. Moveram-se as estrelas, a lua escorrera pelo céu e o sol subira, contudo os franceses não se haviam movido. O capitão não saía da ponte, nada sabíamos sobre como reagiria se os huguenotes disparassem. Só se ouviam as ondas no convés, os marinheiros amarravam cordames, mudos. Segui para a sacada e lá, sozinho, passei a manhã lendo, orando e mascarando meus pimentões amarelos.

O sol estava quase a pino, levantei-me para comer algo. Estavam diante de mim duas sombras ameaçadoras, bem próximas. Elas haviam avançado, agora pela popa. Eu podia ver pequenos tripulantes andando pelo castelo de proa. Pareceu-me que tinham espaço, imaginei que aqueles corsários pudessem dormir estirados, não amontoados iguais a nós. Vinham perseguir a carraca. Na verdade, vinham perseguir a mim, que era o homem que estava mais à retaguarda do que todas as setecentas e oitenta almas da nossa embarcação. Senti os músculos dos braços gelados, o estômago duro, minha energia escapou inteira pelas mãos que apertavam a amurada, foi-se o apetite. Fiquei um bom par de horas com os olhos fixos nas embarcações gêmeas. Súbito, percebi: tinham ficado menores. Distanciaram-se, no pôr do sol já não as via. Não voltaram. O perigo havia passado. *Futura pugnans ne se superari sinant.* Quem me dera, a viagem mal havia começado, coisa bem pior me espreitava nas dobras do futuro.

“O futuro luta para não se deixar governar.” (Publillius Syro, *Sententiae*, linha 202)